

Um passado conhecido versus um presente ainda não concluído



Geraldo Moreira Prado

O tempo e a memória

*Fica-te aí parada na memória.
Reveste de outono a luz da face
Oh Sempre Adormecida, que a vitória
Do Amor é conservar consigo a face.*

*E, assim, vencer o tempo na memória
E atingir o eterno no traspasse
Fatal. Trazendo adiante na memória
A visão emblemática da face.*

*Na ilha de agosto faze tua morada,
E em setembro hás de surgir do Nada,
Se extática ficares na memória.*

*Que nunca apareceste na jornada,
Ou houveres sido, existirás Amada
Se ficares presente na memória¹.*

¹Carlos Anísio Melhor. Sanatório Bahia, 22.03.1960

As palavras ditas aqui nunca foram ditas antes, mas vêm tangidas pelo realce de uma memória do tempo e do lugar onde nasci e cresci trabalhando na roça. Palavras sobre um tempo que durou vinte anos, sem ter outra perspectiva senão continuar na luta do campo praticando atividades rurais em estilo ainda bastante arcaico. O menino que vivia descalço andando por dentro do mato querendo imitar o canto dos passarinhos e catando frutas nativas para serem consumidas na hora do almoço, no final do dia recolhia cabras para o curral e de manhã cedinho buscava água na fonte pra minha mãe preparar a comida, gostava da natureza que não lhe oferecia nenhuma perspectiva para sair desse tipo de vida.

Sonhava ter dinheiro igual ao seu André Bernardes, o homem mais rico do lugar, mas não matando gente como diziam por lá, que ele matou algumas pessoas e se apossou dos seus bens para enriquecer.

Pensando de uma forma utópica em ficar rico, não matando ninguém para tomar as suas posses, EU, o menino matuto de quase 10 anos, que nem escola se quer ainda frequentava e nem tampouco sabia escrever o nome, ou fazer uma conta de somar de duas parcelas, imaginava que plantando dinheiro na terra da mesma forma como se plantava milho e feijão poderia enriquecer.

Cresci, virei adolescente e homem feito, casei *descasei*, *joguei*, *investi*, *desisti/Se há sorte, não sei, nunca vi...*² nascer as moedas de 01 (um) tostão³ que havia plantado na goteira da minha casa, imaginando que um dia iria nascer uma grande árvore igual a Gameleira *mal-assombrada* do finado Zé Totó, cheia de vargem com dinheiro dentro. Passaram-se os tempos, viajei pra São Paulo e pelo mundo, trabalhei numa variedade de trabalhos que antes eu nem sabia que existia, e estou aqui agora registrando esta memória e nada de nascer, florescer e brotar o produto que eu pensava orgulhosamente que um dia iria colher.

Já havia passado por algumas dificuldades, precisaria traçar o meu futuro e não ficar igual a um peregrino iludido e sem rumo esperando essa árvore imaginária vir me socorrer. Mas como diz Augusto dos Anjos: *a Esperança não murcha, ela não cansa,/Também como ela não sucumbe a Crença./Vão-se sonhos nas asas da Descrença,/Voltam sonhos nas asas da Esperança*⁴. E no desejo dos meus *sonhos* voltarem nas asas da Esperança, porque depois da adolescência a inocência começa perder espaço para a realidade, e aí chegou a hora de raciocinar e decidir o que iria ser e fazer da e na minha vida.

Foi nessa angústia existencial que decidi deixar o Paiaíá⁵ no 14/04/1960, mesmo sem ter nenhum plano do que iria fazer/ser no/do meu futuro, mas mantendo a esperança e a vontade de viver num lugar onde eu pudesse

² Música Romaria de Renato Teixeira.

³ Ver <http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/tostao.asp>. Acessado em 13/12/18.

⁴ ANJOS, Augusto. *Eu e outras poesias*. Porto Alegre: LPM. 2010.

⁵ São José do Paiaíá é um povoado baiano, pertencente ao município de Nova Soure. Paiaíás era a denominação um grupo indígena, descendentes dos Tapuias, que habitava esta região, desbravada pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, nascido em Vila de Parnaíba em 1641. (nota do editor)

trabalhar estudar e me formar em alguma profissão, de preferência em medicina.

Entretanto, isso era o que passava pela cabeça de um pobre menino tabaréu, analfabeto aos 10 anos de idade, e morando na roça igual um “bicho do mato”, e se nem se quer tendo mais a minha vô materna para de noite contar histórias sobre a sua vida de menina moça e depois mãe solteira naquela época ainda de escravidão (segunda metade do século XIX), e cantar para eu dormir, pois, para a minha tristeza, quando eu estava completando os meus oito anos de idade ela foi colocada num caixão forrado com pano preto - que simbolizava caixão de viúva, embora ela fosse mãe solteira - transportado no carro de boi para ser sepultada num cemitério bem longe de onde nós morávamos - o cemitério velho de Nova Soure reformado pela Antônio Conselheiro - e que hoje em dia também não existe mais.

Naquela idade sonhava eu em ser doutor porque invejava o médico Dr. Luís Passos chegar de Salvador com a sua família - D. Judite, Raulzinho e Maria Amélia - na sua caminhonete Rural Willys para passar férias na sua fazenda, que ficava próxima à nossa roça. Às vezes, ele levava a família lá em casa pra tomar um cafezinho e entregar algumas *amostras grátis* de remédios, que a gente não fazia a mínima ideia para que servia.

Eu achava muito bonita aquela roupa branca, e me enchia de curiosidade aquela grande e *mágica medalha* pendurada no pescoço com grosso e misterioso *colar* que o Dr. Luís punha sobre o coração das pessoas e dizia algumas coisas que ninguém sabia o que significava.

Ingenuamente perguntei pro meu pai se ele não poderia me fazer doutor, mas, carrancudo como era, me repreendeu e a minha mãe repetiu o que ele disse - que ser doutor era só para ricos, aquele meu sonho de querer ser doutor era coisa de gente besta, pois o doutor que o pobre é mesmo, é doutor pé de cama, é doutor urinol. Mas como diz Manuel de Barros “Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas”⁶, como a minha que está sendo um pouco retratada aqui.

Meu desejo era ir embora para São Paulo

*No sertão a seca avança
expulsando nossa gente
não tem leite pra criança
falta o pão e o café quente
deixa na terra a lembrança
vai pro sul com a esperança
de uma vida mais decente.*

Guibson Medeiro

Termina a década de 1950, que marca o auge da migração, levando o êxodo rural do/a sertanejo/a para outros lugares longínquos dentro do Brasil: Brasília, Rio de Janeiro e, especialmente, São Paulo. Nas capitais desses estados o

⁶ BARROS, Manuel de, Livro sobre NADA, p. 69.

mercado de trabalho básico mais nobre era: construção civil, porteiro de prédio, vigia noturno, faxineiro/a, doméstica, ajudante de pedreiro, garis, cobrador e motorista de ônibus e bondes, camelôs, desempregados, moradores de ruas, “de cortiços”, de “cabeças de porco”, “Leão de Chácara” e demais atividades similares, se é que elas existiam naquela época.

No interior, especialmente no Estado de São Paulo, pode-se dizer que a totalidade desse contingente de pessoas fora literalmente *absorvido* pela agricultura do café, corte de cana, colheita de laranjas e de outras atividades similares, sem vínculos empregatícios, formando assim o exercito dos chamados *boias frias*, de certa forma, mas ainda em situação mais precária, formando a gênese do Movimento do Sem Terra (MST) atual.

Diariamente dezenas de caminhões com as carrocerias cobertos com lonas, e com tábuas transversais servindo de bancos, passavam lotados de pessoas, algumas cantando, outras chorando ou rezando, e o caminhão rodando dias e noites naquelas estradas de chão batido, ou às vezes, com trechos de cascalho rumo àqueles *Eldorados* das suas imaginações. Certamente, esses contingentes de pessoas que contribuíram para enriquecer o vernáculo com o termo *pau-de-arara*⁷, tinham dúvidas se algum dia conseguiria voltar à sua terra natal para visitar parentes e amigos que lá ficaram também rezando para chover e poder plantar e colher as suas lavouras para manter as suas sobrevivências.

Estávamos no início do ano de 1960. Eu, então com 20 anos de idade e com apenas o curso primário concluído na Escola Rural Paiaia, que ficava a três quilômetros da minha casa, ansiava pelo meu primeiro grande momento de esperar pela mudança da minha vida. Ele chegou já um pouco tardio no entardecer do dia 14 de abril daquele ano, quando igual a muitíssimos outros retirantes também peguei o caminhão (*pau-de-arara*) do tio Quinha, dirigido por Manelito de Zazá e tendo como ajudante Nelito de Cirilo, para enfrentar uma viagem de 09 dias rumo a São Paulo. Às 23h da madrugada fria de 23 do mesmo mês, o velho Chevrolet estacionou no Largo da Concórdia, no Brás, ao lado de muitos outros “paus de araras” vindos de diversas localidades do sertão nordestino. Eu, cansado como estava por causa dessa longa viagem, fui dormir no *Hotel Carioca*, na Rua Cavalheiros, no Brás, o qual certamente não existe mais.

No dia seguinte, o tio Quinha telefonou pra a casa do meu cunhado que estava nos esperando. Como todo retirante fazia, peguei a minha mala de couro curtido e forrada com pano bem estampado com grandes flores de vivas cores, certamente para superar um pouco a nostalgia da viagem e aumentar a saudade da Terra natal. Atônito ainda por ver tantas coisas diferentes, das que estava acostumado a ver no sertão, atravessei a cidade junto com o tio Quinha que me levou de bonde para a Rua Santa Ifigênia esquina com a rua Aurora — região central chamada de ‘boca do lixo’ - que qualquer pessoa desconfia do por quê desse nome - e chegamos ao edifício João Francisco Rennó onde

⁷Definição de pau-de-arara.

Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_de_arara_\(transporte\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_de_arara_(transporte)). Acessado em 12/12/18.

residia meu cunhado com a sua família, minha e seus dois filhos, morando numa pequena quitinete.

Primeira moradia e primeiro emprego em São Paulo

São Paulo é a única cidade do Brasil que leva macarrão a sério. Paulista chupa espagete sem fazer barulho! José Simão

Nessa cidade comecei a minha vida *paulística* ocupando-me do “nobre” emprego de porteiro e faxineiro que durou cerca de um ano e quatro meses. A minha nova habitação foi preparada pelo meu cunhado: era um espaço de cerca de dois metros quadrados onde ficava a casa das máquinas dos dois elevadores, mais um minúsculo banheiro com vaso sanitário, um pouco encardido, a pia e o chuveiro de água fria. Imagine como era torturante para um *caatingueiro* nordestino tomar banho frio nos dias de inverno paulistano. Mas o tio Quinha, que foi o responsável de me levar pra São Paulo, me repreendia dizendo que não era para eu reclamar porque aquele *apartamento* era um lugar muito bom pra quem iria começar a vida numa cidade grande.

Entre as máquinas dos elevadores tinha uma cama de lona e um cobertor feito com pedaços de um velho tapete puído, que já havia sido usado na entrada do prédio. Nesse espaço, passei a morar com o Almiro Lagoão (in memória) sobrinho do meu cunhado, que trabalhava à noite como segurança de uma grande empresa na Av. Senador Queiróz - região central de São Paulo - e só voltava pra casa às 06h da manhã, exatamente no horário em que eu começava o trabalho de faxineiro no prédio. O horário da faxina era das 06h às 16h, com um pequeno intervalo pro almoço. Das 18h às 23h eu ficava na portaria, dessa hora até a meia noite, sozinho, retirava o lixo do prédio para por na rua e a carroça pegar.

Uma vez por semana o Almiro tinha folga do trabalho e ia dormir na minha cama. Nessas noites de folga do colega eu improvisava, nas madrugadas depois que punha o lixo na rua, uma cama feita com caixas de papelão e cobertor feito com jornais que os moradores deixavam diariamente na portaria do prédio. Da meia noite até às 6h da manhã dormia no fétido depósito do lixo, que ficava no porão, correndo o risco das ratazanas roerem as unhas dos meus pés.

A minha experiência de faxineiro/porteiro de cerca de um ano e quatro meses, foi sem Carteira de Trabalho registrada pela imobiliária e administradora João Francisco Rennó. Recebia durante o período que fiquei nesse emprego apenas Cr\$ 2.600,00 (dois mil e seiscentos cruzeiros) mensais, o que correspondia a três quartos do salário mínimo em vigência, no ano de 1960, que era de Cr\$ 9.600,00 (nove mil e seiscentos cruzeiros).

Quem determinava que eu recebesse esse valor era o meu cunhado por ser o zelador do prédio. Ele queria me convencer — e eu inicialmente aceitava por não conhecer nada sobre os meus direitos — de que esses Cr\$ 7.000,00 (sete

mil cruzeiros) eram os descontos pra pagar a Previdência, o Sindicato, as despesas da dormida na casa das máquinas dos elevadores, as refeições que eu fazia na sua casa e a roupa que a minha irmã lavava e passava.

Como se pode imaginar, durante o tempo que trabalhei nesse prédio passei muita dificuldade, pois o dinheiro que recebia não dava nem mesmo pra comprar uma blusa de lã e um cachecol pra me proteger do frio de São Paulo, nem tampouco pra ir conhecer o restaurante “o Gato que Ri” no Largo do Arouche e experimentar, pela primeira vez, um prato de macarrão.

Alguns moradores era quem sempre me davam um ou outro agasalho, pois chegavam altas horas da noite e me viam morrendo de frio, encolhido atrás do balcão de recepção na portaria do prédio. Mesmo assim, vivendo aos trancos e barrancos, consegui dar início à realização do meu sonho de menino da roça, me preparando no horário da minha folga das 16h às 18h conclui o curso ginásial, o atual fundamental, através do exame de maturidade, atual supletivo.

Em agosto de 1961 estava completando um ano e quatro meses de vivência em São Paulo e já tinha o meu certificado do curso ginásial, e resolvi, como sempre desejei, sair da faxina e consegui ser aprovado no teste para ser *office-boy* na Companhia de Seguros Atalaia, Paraná, Ouro Verde na Av. São João, próximo ao cine Olido, onde depois do expediente ia assistir e curtir filmes de *bang bang*, de Mazaroppi, e outros filmes. Esse emprego foi de grande valia para mim porque tive, pela primeira vez na vida, a minha Carteira de Trabalho legalizada.

Assim, passei de faxineiro a entregador de apólices de automóveis recebendo mensalmente o salário mínimo de Cr\$ 21.000,00 (vinte e um mil cruzeiros), anotados na Carteira de Trabalho, menos os descontos feitos de acordo com a Previdência daquela época. Durante o ano que trabalhei nessa empresa eliminei parte das disciplinas do curso Médio (maturidade).

Exatamente nove meses depois saí da Companhia de Seguros, fiz um teste, passei e fui trabalhar como auxiliar de almoxarifado no setor de ferramentaria da metalúrgica *Braseixos Rockwell* em Osasco. Comecei, conforme registro na minha velha Carteira de Trabalho, ganhando o salário mínimo bruto de Cr\$ 42.000,00 (quarenta e dois mil cruzeiros), menos os descontos previstos por lei.

No segundo semestre de 1963 e primeiro semestre de 1964 terminei o curso Médio. A partir daí, até o segundo semestre de 1965, fiz alguns cursos técnicos, que a empresa oferecia em parceria com o SENAI, para os seus funcionários, o que contribuiu para as minhas promoções e, logicamente, para o aumento dos meus vencimentos.

No segundo semestre de 1965 fui fazer, à noite, o pré-vestibular para prestar o vestibular de medicina na USP no início de 1966, mas a maior nota que tirei foi 1 (um) em biologia. Trabalhava durante o dia na Braseixos, em Osasco, à noite ia para São Paulo assistir aulas no pré-vestibular di Túlio, na Liberdade, e voltava para dormir em Osasco, pois tinha que levantar às 4h da manhã,

porque entrava exatamente às 4:30h, e se atrasasse seria descontado do salário no final do mês. O desconto era proporcional aos minutos de atrasos, se atrasasse mais de 15 minutos no mês recebia um alerta, se no mês seguinte repetisse o atraso seria demitido por justa causa. Como não era isto que eu desejava, me submeti ao esforço de ficar morando em Osasco e estudando à noite em São Paulo.

Me esforçava para ser promovido de auxiliar de almoxarifado para auxiliar de controle de qualidade, pois o meu salário aumentava na proporção que ia sendo promovido. E assim permaneci trabalhando nessa empresa até o dia 30 de setembro de 1967, quando fui mandando embora, por motivo do meu envolvimento com a campanha do sindicalista José Ibrahim para a presidência do Sindicato de Metalúrgico de Osasco. Quando saí da Braseixos, o meu salário bruto era de Ncr\$ 323,80 (trezentos e três cruzeiros novos e oitenta centavos), o que representava mais de três vezes o valor do salário mínimo estabelecido por lei em março desse mesmo ano, que era de Ncr\$ 105,00 (cento e cinco cruzeiros novos).

O sonho de menino persistente

Eu estava sonhando.

E há em todas as consciências um cartaz amarelo: "Neste país é proibido sonhar". Carlos Drummond de Andrade

Para não frustrar o meu sonho de menino persistente de um dia ser *doutor*, não desanimei com a derrota do vestibular para medicina, embora tivesse pensado muito no que disseram meu pai e minha mãe quando eu era criança sobre o pobre ser doutor. Mesmo assim, quando fui reprovado no vestibular pra medicina em 1966, não fiquei nada desanimado e continuei insistindo naquele meu objetivo de menino matuto. Tomei coragem e fui até a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP que ficava na Rua Maria Antônia, vila Buarque-SP, e me inscrevi em Estudos Orientais, no curso de Português-Chinês, que dispunha de 30 vagas, e teve naquele ano somente eu de candidato inscrito. Prestei o vestibular, fui aprovado, entrei na USP no início de 1966, começando assim abrir um ainda estreito caminho em busca daquele sonho de menino do mato, embora o verso assertivo do Drummond na epígrafe acima dizer que *Neste país é proibido sonhar*.

As aulas referentes às disciplinas da Língua Portuguesa eram ministradas na Rua Maria Antônia; e as de Língua, Literatura e Cultura chinesa no prédio da História e Geografia na Cidade Universitária, no Butantã. Como não conseguia entender nem o chinês do curso, e nem o inglês usado pelo professor de chinês nas suas aulas, fui parar, através de solicitação de transferência, no início de 1968, no curso de História, onde me formei em junho de 1972.

Assim que entrei na USP fiz inscrição para morar no CRUSP, mas fui preterido por falta de vagas, segundo me informou uma semana depois de encerradas as inscrições a senhora que recebeu o meu requerimento. Naquele momento não dei muita importância pra isto, porque estava trabalhando na Braseixos e começava a trabalhar muito cedo, às 4:30h da manhã. Melhor mesmo era ficar

morando na famosa *pensão das moscas* do seu José Mineiro à Av. dos Autonomistas, esquina com a Rua Antônio Agu, a dois quarteirões do meu trabalho.

Ao ser demitido da Braseixos, em 1967, nem voltei a fazer nova inscrição para morar no CRUSP porque já estava enturmado com a estudantada que morava lá. Fui morar como clandestino no apartamento 604 do Bloco B com Martins, Piauí e Nardão, onde fiquei até o fatídico 17 de dezembro de 1968, quando todos os moradores do CRUSP foram presos e expulsos pelo Exército.

O apelido Alagoinhas

*Há entre nós homens e
mulheres com apelidos
absolutamente notáveis.*

Vinicius de Moraes

O apelido Alagoinhas veio no ano de 1968, com a ocupação pelos estudantes da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Ao lado da Faculdade tinha dois botecos, o Universidade hoje já demolido, e o do Zé na esquina da Rua Maria Antônia com a Rua Dr. Vila Nova, que ainda existe. Depois das aulas noturnas, principalmente as das sextas-feiras, a gente ficava tomando cerveja nesses botequins ou no “Bar Sem Nome” ou bar do Agostinho, na rua Dr. Vila Nova, onde normalmente se apresentavam os iniciantes Chico Buarque de Holanda, Maranhão, Toquinho, os adolescentes Eduardo Gudin, Waldir Fonseca (in memória), Luiz Fernando Zanin Oricchio e vários outros iniciantes que passavam por lá para dar uma “canjinha”.

Nesse ambiente formado por moças e rapazes saídos da adolescência, congestionando ruas e botecos do nosso *Quartier Latin tupiniquim*, estava lá um deles: o Gilberto Felisberto Vasconcelos, aluno de Sociologia e recém-chegado da cidade Santos/SP, que adorava falar bem alto pra galera, ser “discípulo de Glauber Rocha”, e perguntou se eu era baiano. Pergunta ingênua! Timidamente respondi que era *caatingeiro* do Paiaí. Ele me respondeu, no estilo dilacerante de Glauber Rocha, que Paiaí não existia, o que existia era Alagoinhas, a terra do seu pai, que ele já havia visitado algumas vezes e conhecia inclusive o Sr. Joaquim Estrela, amigo de infância e do Colégio de Alagoinhas onde estudaram o seu pai e tios.

O Gilberto completou a sua sentença dizendo assim: *vou lhe batizar de Alagoinhas...*Daqui pra frente você vai ser chamado de Geraldo Alagoinhas ou simplesmente Alagoinhas. E o apelido pegou que *praga de madrinha ou macumba de alguma escurinha que lhe fez ingratidão* (‘Escurinho’ de Geraldo Pereira).

O ‘*apelidador*’ também nunca realizou o filme dos seus sonhos, conforme declarava em alto e bom som que já tinha a ideia em mente, mas se tornou sociólogo, jornalista e escritor com tese de doutorado em Ciências Políticas sobre a *Ideologia Curupira*. Essa tese foi editada e se transformou no seu melhor livro. O Giba, como era tratado pelos seus amigos e colegas, também virou professor de Sociologia da Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, a terra onde Geraldo Pereira nasceu.

Eu e os livros

*Livros não mudam o mundo
Quem muda o mundo são
as pessoas. Os livros só
mudam as pessoas.*

Mario Quintana

Posso dizer que passei a maior parte da minha vida, ou seja, desde que cheguei a São Paulo, juntando livros. Na realidade, eu já tinha três deles na Bahia: *Na Sombra do Arco Iris* de Malba Tahan, presente da Professora Maria Ivete Dias (in memória), mãe da cantora Ivete Sangalo; *Através do Brasil* de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, presente da Professora Maria José Costa (in memória), o *Mestre dos Mestres* (um manual de redação de cartas em geral) de Silvério Fittipaldi, e vários exemplares de literatura de cordel. Posso dizer que essa foi a bagagem intelectual que transportei do nordeste para São Paulo.



Chegando a São Paulo aos poucos foi aumentando o desejo de comprar e ler livros, mas pra ser correto mesmo, os primeiros livros que comprei nessa cidade foi quando estava fazendo o Madureza ginásial no curso de madureza Dr. Souza Diniz. O corpo docente desse curso era composto pelos Professores: Souza Diniz, já sexagenário, que lecionava noções de Latim, Francês e Retórica; Idel Becker lecionava Espanhol; Nacata lecionava Geografia; Y. Fujiyama lecionava literatura portuguesa e brasileira; Pestana lecionava Matemática e Física; D. Neide lecionava química e biologia, e Antenor Piola, estudante de Direito do Largo de São Francisco, além de lecionar Gramática também era vendedor da Editora José Olympio. Nas aulas ele ficava convencendo os alunos comprarem as suas coleções. Fazia apresentação de vários autores nacionais e estrangeiros, mas o seu xodó mesmo era a coleção de Fiodor Dostoiévski.

As coleções eram vendidas a prazo, com parcelas bem pequenas, que dava para eu pagar com o mísero dinheiro que recebia do meu trabalho, visto que o curso era grátis graças à colaboração de um pianista de cinema pornô, o Professor Peixoto, que morava no prédio onde eu trabalhava. Comprei a coleção das obras de Fiodor Dostoiévski e creio que ali comecei, meio na contramão, a minha leitura de autores clássicos, pois em vez de começar com, por exemplo, Machado de Assis ou José de Alencar que só fui ler alguns anos depois, me esforcei par ler e compreender *Crime e Castigo* com tradução de Rosário Fusco (edição de 1955) devido a sua complexidade.

Esses e outros livros me acompanhavam para os lugares onde eu ia morar e, entre muitos, o que considero mais importante e para mim marcante, foi o

CRUSP (Conjunto Residencial da USP). Chegando lá os livros não sobreviveram por muito tempo, porque a polícia levou todos, e ainda selecionou *A Capital*, de Eça de Queirós⁸, uma edição encadernada com capa dura e vermelha, para expor no prédio dos Diários Associados, na Rua Sete de Abril, em São Paulo, numa exposição de material tido como subversivo apreendido no CRUSP no dia do seu fechamento (17/12/1968) pelo Exército Brasileiro.

Naquela época todos nós sabíamos como era importante, mas também arriscado, participar do movimento estudantil. Muitos colegas, conhecidos, companheiros, ou até mesmo simpatizantes de organizações de esquerda foram presos, torturados, banidos, mortos, inclusive um deles era filho da cidade de Alagoinhas, o Professor João Leonardo, que foi barbaramente assassinado pela ditadura do General Médici numa chácara próxima de Paulo Afonso, Bahia, e os seus restos mortais só foram exumados e transladados para sua terra natal muitos anos depois graças ao empenho da amiga Professora Normandia Azzi.

Eu fui preso algumas vezes e fichado nos órgãos da repressão como subversivo, mas felizmente não cheguei a ser banido do país nem morto, é claro! Em 1972, fiquei detido por mais de uma semana na Operação Bandeirante (Oban) e topei com o torturador assassino Carlos Alberto Brilhante Ustra, e o delegado da Polícia Federal Romeu Tuma. Era um domingo à tarde quando fui solto. Os dois estavam conversando no portão de saída do que chamei de *Templo do terror, da tortura e do crime sob a batuta da ditadura civil-militar iniciada em 1964*. O Tuma tirou uma nota amassada do bolso, que não me lembro de quanto era, e me deu para pagar a condução. Peguei a nota, joguei no chão e disse que não usava dinheiro de torturador porque certamente dava azar. Resultado: mais dois dias de prisão.

Diferente da periodicidade esquemática dos empregos que tive, antes de entrar na Universidade - porque durante o período de estudante de Estudos Orientais eu trabalhava na Braseixos - quando entrei no curso de História foi a época que coincidiu com o momento do endurecimento da ditadura militar, em 1968, enfrentei momentos difíceis para encontrar trabalho fixo.

Agora que a realidade mudara e passei a pagar aluguel e refeição, porque quando estava morando no CRUSP eu tinha esses serviços grátis, passei a fazer trabalhos temporários como professor em cursos de Madureza (supletivo), pré-vestibulares, professor temporário da rede pública do ensino fundamental e médio do Estado de São Paulo, feiras de livros, vendedor de enciclopédias (Barsa e Nouvelle Crio), corretor de imóvel e pesquisas de mercado, tudo isso, inclusive na rede pública, sem vínculo empregatício.

Em 1976, me mudei para o Rio de Janeiro para trabalhar na Fundação Oswaldo Cruz, e continuei juntando livros. Saí da Fiocruz e fui trabalhar no CNPq e continuei comprando “livros a mãos cheias” parodiando a bela poesia de Castro Alves. Mas mesmo assim, vem outra interrupção durante o Governo

⁸ *A Capital* é um romance do escritor português Eça de Queirós publicado postumamente em 1925, sob a orientação de seu filho José Maria Eça de Queirós. (nota do editor)

Collor (1990), pois fui, junto com um grupo de colegas funcionários públicos, colocado em disponibilidade, mas como já tinha a garantia da estabilidade de serviço não foi possível ser demitido definitivamente e nem o nosso ordenado foi cortado.

Passei/passamos mais de um ano em disponibilidade, mas para não ficar em casa de *braços cruzados* fui até a UFRJ e me ofereci pra ficar trabalhando como voluntário, o que foi muito bom por três motivos: o primeiro, porque o então reitor, que era um velho amigo, me colocou para trabalhar com a professora Heloisa Buarque de Hollanda na reorganização da Editora da UERJ, e o segundo porque contribuiu, e muito, para eu concluir os créditos do meu doutorado, e terceiro porque passei a ter mais tempo para acompanhar um projeto social (um curso de capacitação de adolescentes em artesanato mineral) que eu havia implantado na cidade de Santa Maira Madalena-RJ., com apoio da Prefeitura local e financiamento da antiga Funabem, CNPq, FINEP e Ministérios de Minas e Energia.

Em março de 1991 conseguimos ganhar a ação contra o Governo Federal, saímos da disponibilidade e voltamos para as nossas repartições de origem. Como eu já estava no meio do curso de doutorado optei para trabalhar no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)/RJ como professor/pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (mestrado e doutorado) conveniado com a UFRJ, onde fiquei até 2010 quando me aposentei.

A criação da Biblioteca do Paiaia

A biblioteca deve se transformar num ambiente rico em estimulação sociocultural para a leitura, e com significação pra professores, alunos e comunidades. (Ezequiel Theodoro da Silva)

Rio de Janeiro, 18 de julho de 2003, o amigo e conterrâneo Zé do Bode estacionou seu caminhão na Rua da Glória, 214, Rio de Janeiro, para pegar o primeiro carregamento de 12.600 (doze mil) livros e levar para o povoado de São José do Paiaia, no município de Nova Soure, sertão da Bahia, a 250 Km de Salvador, e com uma população estimada na época pelo IBGE em 600 habitantes, para dar início à formação daquilo que se transformou na maior biblioteca comunitária do mundo numa comunidade rural: a hoje conhecida internacionalmente Biblioteca do Paiaia.



Foi numa conversa com José Arivaldo, meu sobrinho, que nasceu a ideia da biblioteca. Vadinho, como é conhecido, formou-se em Letras e está se

formando em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Sergipe. Ele, além de ser o Presidente da Associação Comunitária Maria das Neves Prado, desde o início das atividades da biblioteca vem atuando como um tipo de ‘eminência parda’.

Na noite de 23 de julho desse mesmo ano, o Jornal Nacional anuncia o roubo do acervo histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro, composto de livros raros de alto valor agregado cultural e financeiramente. Uma senhora do povoado, que assistia o noticiário numa casa vizinha a que o caminhão carregado de livros estava parado, espalhou na comunidade que os livros roubados que estavam sendo anunciados pelo JN eram os que estavam naquele caminhão. Pronto! Aí começou um pouquinho de confusão que só foi acalmada quando o próprio marido da denunciante, que não era lá os dos mais educados, mas se dizia ser uma pessoa correta, deu uma ‘bronca’ na esposa pra ela deixar de ficar falando asneira, falando coisas que não fazia a mínima ideia do que estava dizendo.

Com esses doze mil e seiscentos volumes que ocupavam grande espaço da minha casa no Rio de Janeiro, deu-se início há 15 anos à formação da biblioteca, atualmente com cerca de 125 mil volumes, e o povoado na qual está estabelecida continua estagnada nos seus estimados 600 habitantes, o que dá uma média de 217 livros *per capita*, a média mais alta do mundo no referente aos serviços de usuários de bibliotecas.

Até que em fim essa longa jornada chegou à Biblioteca do Paiaia e será narrada tendo como base uma das entrevistas sobre a minha trajetória dentro e fora da USP, publicada no livro “Artes e Letras – entrevistas” organizado pela Professora Emérita da USP Walnice Nogueira Galvão⁹.

A Professora Walnice visitou a biblioteca, quando já era realidade, e decidi contar para o seu/o nosso mestre o também Professor Emérito Antônio Candido de Mello e Souza de quem fui aluno, admirador e amigo até a sua morte aos 98 anos de idade, em 12 de maio de 2016. Walnice não se cansa de dizer que o Professor Cândido ao escutar a narração dela sobre a Biblioteca ficou encantado e lhe disse que era assim (sic) que se *conquistava o coroamento de uma vida*.

Mas, alguns moradores do povoado do Paiaia, na reunião para apresentar e explicar a proposta sobre a criação da Biblioteca, questionaram pra que servia uma biblioteca numa comunidade tão pequena visto que a Biblioteca Pública da sede do município, Nova Soure, raramente abria as suas portas à comunidade? Por que em lugar de uma Biblioteca não se construía uma fábrica para dar emprego aos jovens desempregados? Questões fáceis de responder e na hora respondi as duas.

A referente à biblioteca da sede não atender à comunidade é para mim uma questão óbvia: a falta de compromisso do poder público municipal com a leitura e com uma boa política de educação na sua gestão. A segunda, respondi

⁹ NOGUEIRA GALVÃO, Walnice (org). *Artes e Letras – entrevistas*. São Paulo: Edusp, 2016; pp. 437-443.

dizendo que não sou nem governo nem empresário, mas sim um professor e militante por um alto padrão do ensino do país, por isto, o meu compromisso exclusivo era e continuará sempre batalhar por uma boa política de leitura e de educação. Assim, a colaboração que eu poderia dar para a comunidade, onde nasci e me criei, era colaborar junto com os meus conterrâneos moradores locais na criação de uma biblioteca comunitária.

Esta foi a estratégia que eu tinha e continuo tendo em mente - que com a criação dessa biblioteca pudesse contribuir para a melhoria da qualidade da aprendizagem das crianças e adolescentes locais - visão confirmada alguns anos depois da implantação da Biblioteca quando, no dia 26/04/2008, o Jornal Nacional da TV Globo entrevistou a Professora Ilma Ferreira em sala de aula e ela disse com todas as letras que *depois da biblioteca a evasão escolar caiu em 20% na escola*¹⁰.

E assim foi que a Biblioteca do Paiaíá iniciou suas atividades, apostando no desenvolvimento das capacidades cognitivas dos seus usuários, o que hoje já se comprovou não apenas pela percepção dos seus familiares, mas também da própria Escola e demais órgãos gestores do município de Nova Soure e circunvizinhos, de como crianças e adolescentes se apropriaram de conhecimentos através das suas atividades cotidianas e livres, aquilo que realmente desejam, gostam, se interessam e/ou faça sentido a seus processos de desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem.

Objetivos da Biblioteca do Paiaíá

I Desde o início da sua implantação ainda como projeto experimental a Biblioteca tem como objetivos gerais:

- Classificar e informatizar o seu acervo básico para preservar e poder disponibilizar melhor o seu vasto acervo, que hoje conta com cerca de 125 mil itens - livros, periódicos, cds, dvs, fotografias e demais documentos;
- Desenvolver projetos de leitura com pessoas de todas as idades; de capacitação de professores do ensino fundamental das escolas rurais em vários segmentos da educação, com destaque para Educação Infantil, Educação Ambiental, Cultura Afro-brasileira e indígena e atividades similares, tanto do município de Nova Soure, no qual a biblioteca está instalada, quanto de qualquer outra parte do país que esteja interessada em participar do projeto;
- Dar continuidade às atividades dos Ateliês de Pintura e Oficinas de Bonecas de pano para crianças e adolescentes de ambos os sexos;
- Colocar em prática o projeto de produção de jogos e/ou brinquedos pedagógicos;
- Dinamizar a escolinha de xadrez para crianças e adolescentes de ambos os sexos;
- Dar continuidade às atividades esportivas para as crianças e adolescentes de ambos os sexos;
- Construir uma quadra poliesportiva;

¹⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=auhkbvpezHU>. Acessado em 14/12/18.

- Dinamizar as atividades dos pontos de cultura e de leitura, da sala verde e do telecentro;
- Dinamizar atividades de lazer com as pessoas da terceira idade;
- Implementar projetos de geração de renda com ênfase no desenvolvimento da economia solidária, da economia criativa e de ecovilas, ações essas ainda inexistentes na região.

II) Objetivos alcançados: cerca de 80% dos acima citados;

III) Aberta ao público das 08h às 21h – e quando existe demanda fica aberta, neste horário, também nos sábados, domingos e feriados.

Atividades desenvolvidas na biblioteca

Articulações

- Visitas em escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio da região;
- Convênios e/ou contatos para visitas de faculdades públicas e privadas do Estado da Bahia e de outros estados da federação;
- Convênios e/ou contatos com organizações não governamentais regionais e nacionais.

Leitura

- Oficinas de leitura com crianças do Ensino Fundamental I e II do meio rural dos povoados dos municípios de Nova Soure – Ba.;
- Capacitação de professores do Ensino Fundamental I de Escolas Rurais dos 40 povoados rurais do município de Nova Soure – Ba.;
- Exposição de livros sobre divulgação científica na Biblioteca do Paiaíá e interação via teleconferência com o IBICT/RJ;
- Formação de mediadores de leitura para atuarem em comunidades rurais.

Projetos

- Projeto Estradas Verdes: mutirão de reflorestamento com a participação de crianças, adolescentes, professores e a população, dos dois Km das laterais das estradas que dão acesso ao povoado de São José do Paiaíá;
- Apresentação da comédia “A peleja do Jagunço com o Soldado invocado” por um grupo de três palhaços dos Circos “Palhaços Para Sempre”, “Via Palco” e “Turpiniquim” de Salvador – Ba.;
- Realização da I Semana do Conselheiro em Nova Soure – Ba., com palestras de Walnice Nogueira Galvão, professora Emérita de Literatura e Teoria Literária da USP, sobre Euclides da Cunha e Os Sertões para alunos do ensino fundamental e médio das escolas do município de Nova Soure, povoados e sede, e de Francisco Foot Hardman, professor de Literatura e Teoria Literária da Unicamp sobre autores clássicos da literatura sertaneja para esse mesmo público; leitura do poema “A Saga do Conselheiro” de Gustavo Dourado por um jogral formado por 22 alunos de ambos os sexos do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Paiaíá; leitura de Os Sertões de Euclides da Cunha (resumo)

por um jogral formado por 08 alunos de ambos os sexos do ensino médio do Colégio Professora Maria de Lourdes Ferreira da Silva de Nova Soure – Ba., apresentação da peça a vida de Antônio Conselheiro baseada na Literatura de Cordel, por um grupo de teatro do meio rural do Povoado da Melancia – Nova Soure – Ba.

No encerramento apresentação de grupos folclóricos e realização do baile dançante no Mercado Municipal de Nova Soure. Palestras de Geraldo Moreira Prado, professor do programa de pós-graduação em Ciência da Informação, convênio IBICT/UFRJ, sobre a Ciência no Brasil e Vida e Obra de Carlos Chagas para os alunos do ensino fundamental e médio das escolas de Nova Soure (povoados e sede);

- Realização das I, II, III, IV e V Semanas de Popularização da C&T em Nova Soure – Ba., com oficinas sobre a técnica de Divulgação Científica do Canal Ciência/IBICT para alunos e professores do ensino fundamental e médio de Nova Soure (povoados e sede) sobre o acesso à informação.

A Biblioteca também realiza permanentemente: 1) projeções de filmes em geral e nos finais de semana filmes educativos para alunos e professores das escolas dos povoados e da sede do município de Nova Soure; 2) oficinas e palestras permanentes com agentes de saúde sobre o atendimento à saúde e a necessidade urgente de saneamento básico e do uso racional da água na sede e nos povoados do município de Nova Soure; 3) ciclos de palestras anuais com juizes, promotores e profissionais das Secretarias de Ação social de Nova Soure e Olindina sobre combate à violência sexual de crianças e adolescentes - data fixa: 18/05, Dia Nacional de Combate à violência sexual de crianças e adolescentes; 4) a partir de 2014 realizou os I¹¹, II e III¹² Encontros sobre Livro, Leitura e Inclusão Social no Semiárido Baiano. O III foi realizado de 3 a 5 de agosto, com ampla programação. Nesse evento o geógrafo e jornalista Mouzar Benedito, representante da Sociedade dos Observadores de Saci (Sosaci)¹³ falou sobre personagens do imaginário brasileiro na literatura. Disse ele no seu blog:

Só num dia que tive a pachorra de calcular, com base nos ônibus vindos de Nova Soure e cidades vizinhas, chegaram mais de 400 crianças. Eu olhava nos rostos delas e achava que tinham a sensação de descobertas, seja enquanto participavam das atividades do evento ou enquanto remexiam livremente nas estantes da biblioteca. Imagino que pelo menos algumas delas estejam 'contaminadas' pela literatura. Voltei de lá com uma alegria imensa, com a sensação de que a inércia que os vampiros do poder tentam nos fazer aceitar não é tão aceita assim.

O IV Encontro está programado para o período de 23 a 26/07/2019, e, provavelmente, vai ser realizado à revelia de um contexto nacional anticultura, anti tudo, mas como nos demais estão previstas: palestras, minicursos,

¹¹ Disponível em <http://encontromulticulturalpaiaia.blogspot.com.br/>) Acessado em 18/12/18

¹² Disponível em <https://www.facebook.com/LigadoEmNovaSoure/videos/1725136727789329/> Acessado em 18/12/18.

¹³ Disponível em <https://www.facebook.com/sosaci.observadores/>. Acessado em 18/12/18.

debates, lançamentos de livros, rodas de conversa, muitas atividades específicas para crianças e para a Terceira Idade. Pretende-se que nessa programação seja enfatizada a problemática atual da Educação em sua totalidade com ênfase nos seguintes aspectos: 1) na educação rural e nos fechamento das escolas rurais no estado da Bahia, inclusive as do município de Nova Soure; 2) homenagens: 1) D. Durvalina, mulher negra que resistiu por muitas décadas o preconceito dos religiosos tradicionais às apresentações do seu Candomblé; 2) ao poeta baiano de Nazaré das Farinhas Carlos Anísio Melhor, que na sua juventude fez parte da Geração Mapa, sob a liderança de Glauber Rocha responsável pela publicação da revista de mesmo nome inspirada num poema de Murilo Mendes da época.

A formação do acervo

*En algún lugar de un libro
hay una frase esperándonos
para darle un sentido a la
existência. Cervante*

Parte do acervo, ou seja, 73.800 itens (cerca de 92%) pertencia a minha Biblioteca particular no Rio de Janeiro e foi por mim doado com registro em Cartório para a Biblioteca do Paiaíá, contribuindo assim com os cerca de 120 mil itens, acervo composto de livros atuais e raros; pastas com recortes de matérias publicadas em periódicos nacionais e estrangeiros; fotografias; CDs de documentários em geral; CDs, Dvds e vinil; telão; comutadores e câmaras fotográficas e cinematográficas.

Do total de livros 62.469 exemplares estão disponibilizados ao público em 82 estantes de aço e de madeira, o que corresponde aproximadamente a 56,79% do mesmo, o restante (43,21%) está empacotado e armazenado a espera de recursos financeiros e humanos para fazer triagem, tratamento, catalogação e informatização, para poder disponibilizar o acesso via internet.

O restante do acervo foi colaboração de inúmeras pessoas físicas e jurídicas, mas como são muitos doadores cito aqui apenas aqueles que fizeram as maiores doações, começando por: Antônio Cândido, Walnice Galvão, a família Mindlin, Paulo Décio de Arruda Mello, Tonho do Paiaíá, Severino Dadá, Rosemberg Cariry, Antônio Torres, o historiador João José Reis, o etnólogo e escritor dinamarquês Jorgen Polsen, a Academia Brasileira de Letras, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade de São Paulo (USP), as Bibliotecas centrais da UFUBA e da Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ), a Fundação Oswaldo Cruz, o IBASE, a ABIA, o ASPTA e mais uma relação enorme de pessoas físicas e jurídicas que compõem a lista de doadores de livros, filmes e documentários para a Biblioteca do Paiaíá.

Em 2004, comprei uma casa por R\$ 2.000,00 (dois mil reais), depois comprei a casa vizinha por R\$13.000,00 (treze mil reais), e, contando com o grande apoio do meu sobrinho Vadinho, fiz uma reforma para ampliar o espaço da Biblioteca. Construímos na parte do fundo de uma das casas três pavimentos, sendo que o último é um modesto conjugado onde me hospedo quando estou por lá, e por

ser o imóvel mais alto do povoado ironicamente o apelidei de *Paiajá Empire State*.

Fazendo estudos autodidatas em biblioteconomia, descobrir o indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan e as suas cinco leis sobre o livro, o leitor e a biblioteca. Essas leis se encaixaram perfeitamente no modelo de biblioteca que eu desejava criar. São elas: Primeira Lei - Livros são para Uso; Segunda Lei - Para cada Leitor, seu Livro; Terceira Lei - Para cada Livro, seu Leitor; Quarta Lei - Poupe o tempo do leitor e Quinta Lei - A Biblioteca é uma organização em crescimento¹⁴. Concordo com todas elas, mas ressalto que em relação à Biblioteca do Paiajá, por se caracterizar como órgão vivo e em permanente crescimento, incorpora todas as cinco leis, mas a quinta é no momento, em minha opinião, a que mais se aplica.

A Leitura

*Muitos homens iniciaram
uma nova era na sua vida a
partir da leitura de um livro.
Henry David Thoreau*

O carro chefe da Biblioteca é a **Leitura**, como já expliquei acima. Sabemos que no Brasil nunca houve e continua não havendo prática de leitura na maioria absoluta da população. **Grande parte das pessoas acha que a internet resolve tudo, e ainda pra completar, o país embora tenha hoje muitas bibliotecas a cada ano que passa continua baixando o nível de leitura** em comparação com os países vizinhos da América Latina. Se ficarmos atentos à divulgação na mídia, dá a impressão que essa situação tende a piorar ainda mais a partir de 2019, por razões óbvias.

Administração da biblioteca

Quem toma conta diariamente da biblioteca é José Francisco e o meu sobrinho Vadinho. É tudo na base do trabalho voluntário, porque a manutenção continua saindo da minha minguada aposentadoria de funcionário público federal. A biblioteca já atraiu muita gente de fora: argentinos, norte-americanos, belgas, franceses, ingleses e dinamarqueses.

O que é uma Biblioteca Comunitária?

De acordo com Elisa Campos Machado professora da Unirio, e pioneira nos estudos acadêmicos sobre Bibliotecas Comunitárias:

Elas surgem nas comunidades locais, de maneira espontânea ou a partir de um projeto social, individual ou coletivo, são polos irradiadores de cultura e saber local que, apoiadas pelo poder público, podem se transformar em espaços estratégicos para a implantação de políticas públicas de integração social e cultural¹⁵.

¹⁴ disponível em <https://www.infoescola.com/curiosidades/leis-de-ranganathan/>, acessado em 09/12/18.

¹⁵Disponível em

Isto é pura verdade. Nesta sua tese de doutorado ela reforça a ideia de que a Biblioteca Comunitária chega onde o poder público não consegue chegar, outra grande verdade - o importante papel da de uma biblioteca comunitária.

Foi nessa perspectiva que eu comecei pensar na criação da Biblioteca do Paiaia, incorporando alguns fundamentos teóricos, ainda pouco desenvolvidos, mas que é como penso a Biblioteca do Paiaia, uma similaridade à uma “Escola Comunitária” livre e transformadora, que no Brasil enquanto não for *rasgada* a Constituição Federal, é permitido segundo está definido no inciso I do seu art. 208 e da nova redação ao § 5º do art. 212 o credenciamento legal de uma *Escola Comunitária* livre, autônoma e transformadora.

Uma escola, uma biblioteca comunitária ou uma organização social que objetive ser um espaço ambiental livre, intelectualmente desafiador e emocionalmente seguro, e que deve ter atenção individualizada e atuação coletiva e participativa dos seus usuários na hora de tomadas de decisões.

Foi a partir dessa prática que aos poucos uma parcela, especialmente as crianças e adolescentes da comunidade do povoado de São José do Paiaia, começou a se aproximar mais da biblioteca. No início do funcionamento teve uma participação muita ativa, ao ponto de oferecer as casas para hospedar as pessoas.

Este é um fenômeno relativamente novo na vida cultural do país. Mas, faço uma ressalva dizendo que pelas pesquisas recentes sobre leitura ainda não é possível considerar o Brasil um país de leitores, mas sim de muitos bacharéis, doutores, letrados. Isto me leva a pensar a uma máxima do poeta paulistano Oswald de Andrade que escreveu assim no seu Manifesto do Pau Brasil:

O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho¹⁶.

Interpreto aqui o significado de *gavião penacho* como sinônimo do público das bibliotecas comunitárias atualmente, que são aqueles que estão em espaços onde o poder público está ausente, conforme diz a Professora Elisa Machado em sua tese de doutoramento *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil* (2008).

Digo atualmente, porque o surgimento de bibliotecas comunitárias é um fenômeno muito recente, não somente no Brasil, mas também no continente americano em geral. Para o professor Almeida Júnior (1997), citado por Elisa Machado (2008, p. 53), o termo biblioteca comunitária é citado pela primeira vez na literatura da área em 1978, por Carmina Nogueira de Castro Ferreira, ao

https://www.researchgate.net/publication/242144369_Uma_discussao_acerca_do_conceito_de_biblioteca_comunitaria . Acessado em 14/12/18.

¹⁶ Disponível em

https://www.passeiweb.com/estudos/livros/manifesto_pau_brasil. Acessado em 14/12/18.

se referir à experiência americana do início do século passado, que tratava da integração da biblioteca pública com a escolar.

Foi neste contexto que nasce e se insere a Biblioteca do Paiaia que, por sua vez, apresenta algumas características teóricas diferentes em relação às diversidades teóricas do grande contingente de bibliotecas comunitárias atualmente em funcionamento no país. E o qual é então o diferencial básico entre as bibliotecas comunitárias espalhadas pelo país com a Biblioteca do Paiaia?

Suponho que a Biblioteca do Paiaia difere de algumas bibliotecas comunitárias devido às conexões relacionadas às questões políticas, ideológicas e/ou religiosa dos grupos ou indivíduos que as criaram. Numa discussão voltada mais para os fundamentos teóricos sobre seus compromissos e funções, depois de vários estudos e debates, chegou-se a algumas hipóteses de que ela deva atuar, e de fato vem atuando, como o modelo mais próximo ao de uma *Escola Comunitária*, como a Escola da Ponte de Portugal.

Deve ser um espaço livre, autônomo e transformador cujas ações assemelhem-se a de um *círculo mágico*, segundo descreve Paul Caro no seu livro *A Roda das Ciências*. Esse círculo *produz uma concentração de energia em forma portas ou grandes vias de passagem do conhecimento para a sociedade*¹⁷. Essas vias de passagem transitam entre o Saber, o Imaginário, o Espetáculo e as Riquezas. Os seus compromissos são de atuar no sentido de construir um núcleo simétrico, ou símbolo universal da integração, entre o conhecimento livre e autônomo das culturas eruditas e populares em todas as suas manifestações: da natureza à liberdade humana.

A Biblioteca do Paiaia concebe ainda que o cumprimento dos compromissos acima citados requer muita responsabilidade da equipe executora, por ser ela quem vai conduzir a aprendizagem e a execução dos seus usuários, quer sejam os leitores ou aqueles que irão atuar em quaisquer atividades voltadas ao desenvolvimento das habilidades cognitivas e do desenvolvimento do espírito crítico-criativo do usuário.

Por que isto é importante? Porque o espaço da escola oficial (pública e privada) e de outros espaços públicos e privados similares, muitas vezes além de dificultarem o seu uso chegam ao ponto de proibirem, ou mesmo reprimirem, os grupos que estão realizando as suas atividades. Esse tipo de comportamento deve ser debatido e superado, como a Biblioteca do Paiaia vem fazendo no âmbito das suas atividades cotidianas, no entanto isto ainda não é muito comum entre os movimentos sociais urbanos e rurais, que há décadas lutam na busca da conquista de espaços para executarem livre e organizadamente às suas ações.

Diferente de uma escola oficial, pública ou particular, que conduz muito vezes mecanicamente a leitura das crianças e adolescentes, defendemos que as

¹⁷ CARO, Paul. *A Roda das Ciências*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1995.

bibliotecas comunitárias devem deixar a leitura fluir absolutamente livre para que o usuário se dedique àquilo que realmente deseja, quer, gosta, se interessa e/ou faça sentido para a sua formação. Não existe nenhum tipo de portfólio e nem é exigido também a nenhum usuário realizar prestação de conta sobre a sua auto-avaliação.

Quando a Biblioteca do Paiaíá executa um projeto de leitura — pois este o seu núcleo básico — com financiamento de algum edital público ou privado, obviamente existe um coordenador/monitor que vai atuar similarmente ao maestro de uma orquestra sinfônica, visto que as suas ações são executadas conjuntamente de forma harmoniosa com o grupo executor. Isto faz com que os usuários da Biblioteca, em especial crianças e adolescentes, superem as etapas naturais dos seus conhecimentos, bem como amadureça o hábito de valorizar as ações coletivas de cada membro nas suas atividades presentes e futuras.

Desse modo, na Biblioteca do Paiaíá os usuários têm espaço e liberdade para colocar suas opiniões e fazer críticas, embora a empatia seja à base das relações com bastante afetividade e respeito entre todos: escola, usuários e demais frequentadores. Por que isto? Por que a Biblioteca tem como missão proporcionar conhecimentos integrais aos seus usuários, em especial crianças e adolescentes, dentro de uma visão holística (social, histórico, cultural, ecológico de sustentabilidade e diversidade) respeitando as particularidades e a visão de mundo inerente a cada um. Segundo Jan Christiaan Smuts no seu livro *Holism and Evolution*¹⁸ “a tendência da natureza do mundo moderno é de usar a evolução criativa para formar um “todo” que é maior do que a soma das suas partes”.

E, assim, a Biblioteca do Paiaíá procura conduzir às atividades de auto (reco) conhecimento -expansão da consciência – também com massagens, relaxamentos e demais ações harmoniosas. Por isto é que se caracteriza como sendo um espaço inovador, desde o momento da sua criação até os dias atuais, e espera configurar-se e materializar-se como um verdadeiro polo regional de mudança sociocultural e comportamental para que o seu usuário, repetindo mais uma vez, em especial crianças e o adolescentes, preconizem de modo transversal o trabalho individual e/ou coletivo da leitura crítico-criativo na perspectiva de Paulo Freire, Vygotsky, Luria, Freireit, Tragtemberg, Gadotti, Ezequiel Theodoro da Silva, Marcos Bagno, Ferrer i Guàrdia, José Pacheco (Escola da Ponte) e outros mais que tenham como meta a valorização da leitura como a libertação, como preconizava Paulo Freire, na Pedagogia do Oprimido, e Manuel Bandeira reivindicava também para a poesia assim dizendo:

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o
cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas

¹⁸ *Holism and Evolution*. New York: The Gestalt Journal Press, 1926.

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
Estou farto do lirismo namorador
Político Raquíptico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si
mesmo
De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos
Secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e
as diferentes maneiras
de agradar às mulheres, etc
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare
— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Epílogo

Pensando sobre meu projeto neste período, digamos assim, da Terceira Idade, eu digo que enquanto eu for vivo e tiver memória pra raciocinar e energia pra andar e me comunicar, não desistirei dessa minha labuta, desse meu projeto que aumentou, e muito, o meu interesse por livros, bibliotecas e leitura. Isso foi uma das experiências mais satisfatória da minha vida. Contribuí para crescer um pouco mais e, concordando com Ezequiel Theodoro da Silva:

[...] tanto o processo de educação como o de leitura, quando criticamente levado a efeito, indicam um *movimento* dos sujeitos (envolvidos naqueles processos) de um lugar para outro, procurando compreender e conhecer a razão de ser das coisas¹⁹.

Sites sobre a Biblioteca do Paiaíá

<https://www.youtube.com/watch?v=8Onl8DY-s20>

<https://www.youtube.com/watch?v=DfzjIMDbxF8>

<http://plataforma.prolivro.org.br/biblioteca-do-paiaia-e-sua-importancia-nos-indices-educacionais-baianos/>

http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/ed722_a_maior_biblioteca_rural_do_mundo/

<https://jornalggn.com.br/noticia/as-proezas-de-alagoinha-por-walnice-nogueira-galvao>

<https://www.facebook.com/LigadoEmNovaSoure/videos/1725136727789329/>

<http://bemblogado.com.br/site/uma-miragem-real-de-livros-no-sertao-da-bahia/>

https://www.youtube.com/watch?v=3YP3U_iaKqk

<https://almanakito.wordpress.com/2014/04/21/biblioteca-do-paiaia-bahia-no-livro-dos-records-geral-do-alagoinha-leiam-e-divulguem-do-paiaia-a/>

<http://anaguedesjbnbahiaentretenimento.blogspot.com.br/2014/12/maior-biblioteca-rural-do-brasil.html?m=0>

¹⁹ THEODORO DA SILVA, Ezequiel. *Elementos de Pedagogia da Leitura*. Martins Fontes, SP. 1998, p.2.

<https://www.terra.com.br/diversao/gente/ivete-sangalo-se-emociona-no-programa-esquenta.893db907071cd310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>
<https://www.youtube.com/watch?v=WwVth9KcAb4>
https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/imprensa/noticias/conteudo/20080212_not015_08
<https://caravanaculturalsecultba.wordpress.com/2014/05/25/no-primeiro-dia-de-caravana-a-secult-visita-a-maior-biblioteca-rural-do-mundo-em-nova-soure/>
<https://tonhodopaiaia.wordpress.com/2017/07/29/geraldo-prado-um-setentao-com-forca-de-menino/>
<http://barelanchestaboao.blogspot.com.br/2012/02/maior-biblioteca-do-mundo-no-sertao-da.html>
<https://teoriaedebate.org.br/2009/05/01/formando-leitores-no-sertao-baiano/>
<https://sites.google.com/site/obcmnp/so-jos-do-paiai>
<http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1725178-letras-no-sertao>
<https://archive.org/details/vimeo-172825635>
<https://archive.org/details/vimeo-172825635>
<http://www.bodeassado.com.br/noticia.php?id=1250>
<http://www.redebrasilatual.com.br/entretenimento/2017/08/uma-miragem-real-de-livros-no-sertao-da-bahia>
<http://www.newsrondonia.com.br/noticias/biblioteca+do+paiaia+conquista+recorde+nacional/44132>
http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/ed722_a_maior_biblioteca_rural_do_mundo/
<https://www.youtube.com/watch?v=8Onl8DY-s20>
<https://www.youtube.com/watch?v=DfzjIMDbxF8>
<http://plataforma.prolivro.org.br/biblioteca-do-paiaia-e-sua-importancia-nos-indices-educacionais-baianos/>
http://www.fespsp.org.br/seminario2013/artigos/IIseminarioPesquisa_LudmyllaSa.pdf
<http://biblioo.info/mestre-alagoinha/>
<https://www.revistaforum.com.br/cachaca-inflacionada-e-literatura-no-paiaia/>
<https://prosas.com.br/empreendedores/8597-associacao-biblioteca-comunitaria-maria-da-neves-prado-biblioteca-do-paiaia>
<http://www.ibict.br/Sala-de-Imprensa/noticias/2009/canalciencia-e-biblioteca-comunitaria-maria-das/impressao>
<https://obemviver.blog.br/2015/12/08/uma-biblioteca-impressionante-em-pleno-sertao-da-bahia-que-exemplo/>
<http://www.cca.eca.usp.br/node/955>
<http://www.upb.org.br/noticias/maior-biblioteca-rural-do-mundo-esta-no-coracao-da-bahia>
<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/livros-brotam-no-sertao/>
<https://www.facebook.com/biblioteca.dopaiaia>
<http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/um-encontro-com-o-dono-da-maior-biblioteca-rural-do-pais-la-de-sao-jose-do-paiaia.html>
<https://bsf.org.br/2012/01/16/geraldo-prado-alagoinha-biblioteca-do-paiaia/>

Data de recebimento: 22/01/2019; Data de aceite: 21/03/2019

Geraldo Moreira Prado - Graduado em História pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre e Ph.D em Ciências Sociais Aplicadas (Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: bibliotecapaiaia2005@gmail.com